APLAUSO

guia de teatro

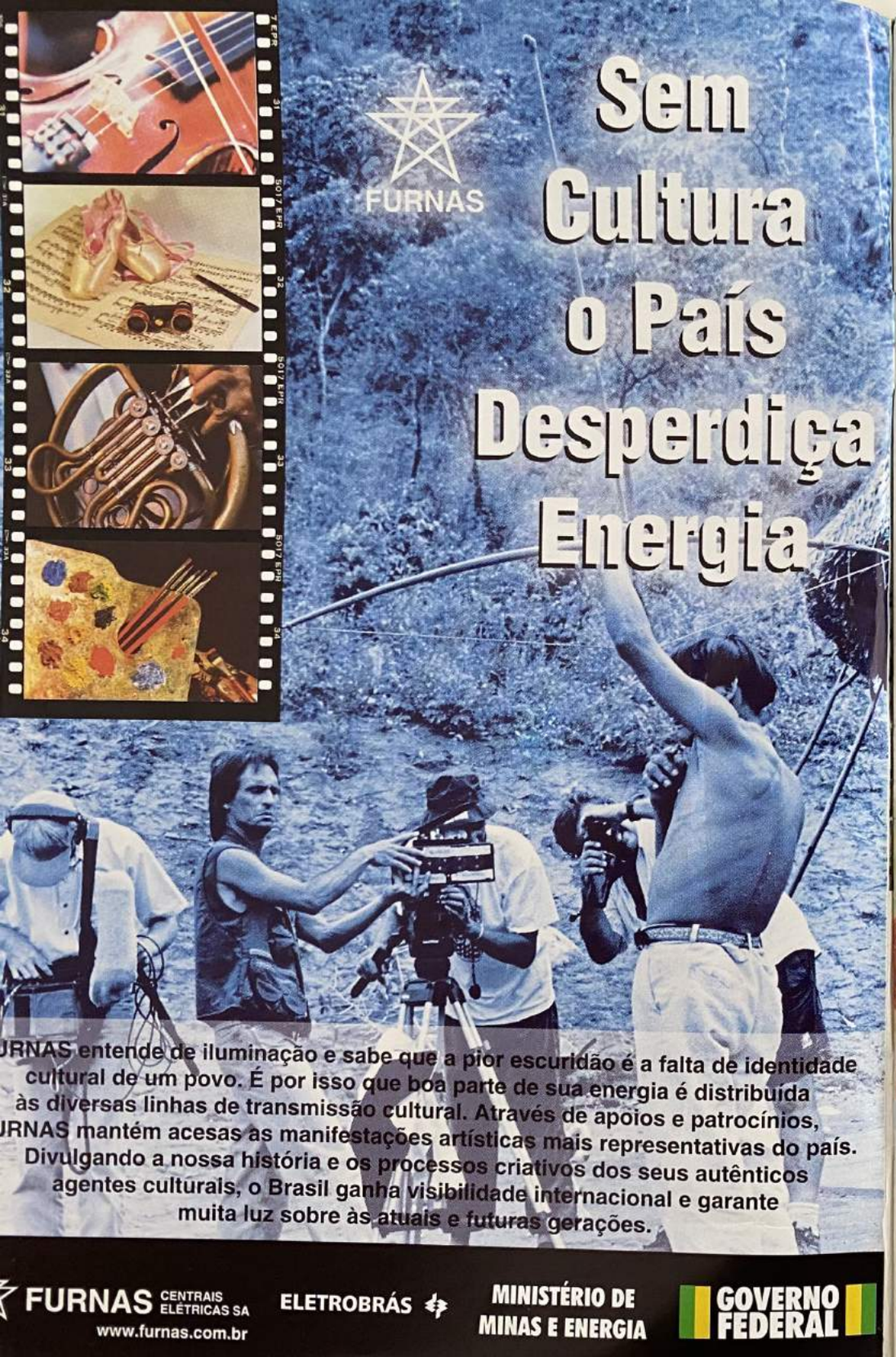
ANO III Nº 19

EXEMPLAR GRATUITO

Duas Mulheres e um Cadáver

Suspense e humor com Débora Bloch e Fernanda Torres

Peças em cartaz ● Jornal do Teatro ● Antônio Abujamra ● Arlete Salles ● Cláudia Jimenez ● Jorge Fernando ● Natália do Vale ● Suzana Vieira ● Renata Sorrah



BASTIDORES

A Missão

"Toda a minha formação é nordestina. Sou pernambucana e me iniciei profissionalmente em televisão, teatro e cinema no Recife. Não me lembro, porém, de ter desejado me tornar atriz durante a infância ou mesmo na adolescência. Fui sendo conduzida por um anjo bom, quase que inconscientemente, para o trabalho. Primeiro, fiz locução. Em decorrência desse trabalho, fiz rádio-teatro. Mais adiante, por ter me casado com um ator, acabei indo para o palco. Ganhei um prêmio logo em meu papel de estréia. Assim, mais uma vez, fui sendo conduzida como que por uma força misteriosa.

O teatro hoje é a razão da minha vida, porque é a minha profissão. E a profissão é a missão de toda pessoa na Terra, a prioridade para todo ser humano. Evidente que o amor e a realização afetiva são muito importantes, mas até mesmo isso fica prejudicado quando a pessoa não se encontrou profissionalmente.

O teatro tem me ensinado a viver, a me colocar em contato com a vida e com os valores éticos, com os deveres de uma cidadã deste mundo, com os meus deveres de ser humano. O teatro é um grande iluminista, uma verdadeira bússola para as pessoas.

Mas representar, como costuma dizer tão bem Fernanda Montenegro, é um ofício como outro qualquer, e para o qual é preciso ter vocação e talento. Nem por isso o teatro deixa de ser um pai autoritário, que exige dedicação, empenho e estudo. Como retorno a esse desafio, pode trazer gratificações como nenhuma outra profissão é capaz de oferecer.

Sobretudo, o teatro tem o grande papel de ser o comunicador da sociedade. O educador e o condutor das coisas que estão acontecendo e também daquelas que estão por vir.

Arlete Salles, agosto/setembro de 2000

Jornal do Teatro

Universo de Bia

Vinte e cinco anos de trabalho artístico dedicado às crianças merecem comemoração. Bia Bedran preparou-se para a data e durante todo o mês de agosto, na Sala Marília Pêra do Teatro Leblon, apresenta *O Melhor de Bia*, um passeio por seu universo que inclui esquetes, histórias e poesias. Outra ótima opção para a meninada.

Visão de futuro

Duque de Caxias sai na frente e contrata o talento do diretor Amir Haddad. Roberta Barreto, Secretária de Educação do município, quer o grupo de teatro Tá na Rua dando aulas de educação artística e expressão corporal para os alunos da rede municipal de ensino. Uma ótima aquisição!

Alvo errado

Uma flechada equivocada de um Cupido distraído é o ponto de partida da comédia musical infantil *Os Olhos de Sofia*, em cartaz no Teatro da Casa de Cultura Laura Alvim. Devido ao seu erro, o pobre Cupido é ameaçado por Zeus de perder todas as penas e ter seu arco e flecha quebrados. Gostou da história? Então leve a garotada. Aos sábado e domingos, 17h.

Entre o Céu e a Terra

Janssen Hugo Lage dá continuidade ao seu singular trabalho de autor e diretor com *Intretom – Fragmentos da Linguagem*, peça que estréia no Espaço Cultural Copérnico. Intretom, termo criado por Janssen, é uma ficção que transita entre o Céu e a Terra, misturando sonho, realidade, poesia e humor.

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)511-1390 e (21)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (arte), Maria Lúcia Rangel e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: divulgação.

Palavra de Iluminador

Maneco Quinderé

Eu escolhi a luz

Maneco Quinderé, iluminador.

"Comecei a fazer teatro como eletricista e montador em 1981, depois de ter trabalhado como contra-regra, quase um faz-tudo. Na verdade, comecei a carreira por total falta de opção. Eu não via em nenhuma outra profissão algo que fosse capaz de me mobilizar para alguma direção. Embora minha mãe, Fernanda, tivesse sido diretora do teatro José de Alencar, em Fortaleza, minha única ligação com o teatro até então era assistir aos espetáculos que iam em turnê para o Ceará.

Certa vez, porém, eu estava num teatro quando ouvi alguém dizer que precisava de ajuda para um serviço. Me ofereci, e foi quando tudo começou. Hoje, sinto-me absolutamente ligado ao teatro. Tenho orgulho de ter feito como primeiros trabalhos peças como *O Azul*, que tinha a Marisa Monte como Atriz; *Finalmente Juntos e Finalmente ao Vivo* com Guilherme Karan e Miguel Falabella, e *Tupã*, de Mauro Rasi, com Lucélia Santos e Rubens de Falco. Depois vieram outros grandes diretores e outros grandes espetáculos. Neste ano de 2000 fiz *O Rei da Vela*, *A Tempestade*, *Crioula*, *Pequeno Dicionário Amoroso*, *Monólogos da Vagina*, *Duas Mulheres e um Cadáver*, *Socorro Mamãe Sumiu*, *Histórias Roubadas*...

Nunca tentei ser ator, atuar como cenógrafo ou fazer qualquer outra coisa no teatro. A iluminação é a forma pela qual consigo me expressar melhor para o mundo. Alguns escolhem a palavra, outros o corpo e há quem prefira o canto. Eu escolhi a luz. Na iluminação, temos o abstrato e o concreto, aparentemente duas coisas antagônicas, mas que juntas permitem exercitar a intuição e descobrir sempre novos caminhos ou atalhos que levam a um grande resultado final.

Mas o grande trabalho só acontece quando se é capaz de fazer com que o público acredite na grande mentira que acontece no palco. Isso só é possível com a união dos profissionais envolvidos. Quando a luz se apaga e o público acredita naquilo que está diante dele, essa é a hora em que me emociono e redescubro o prazer de ter cumprido com o meu trabalho."

Duas mulheres e um Cadáver

FOTO: BOB WOLFENSON/DIVULGAÇÃO

Uma deliciosa mistura de suspense, humor e rivalidades femininas. Com Débora Bloch e Fernanda Torres.

Por Dalila Magarian

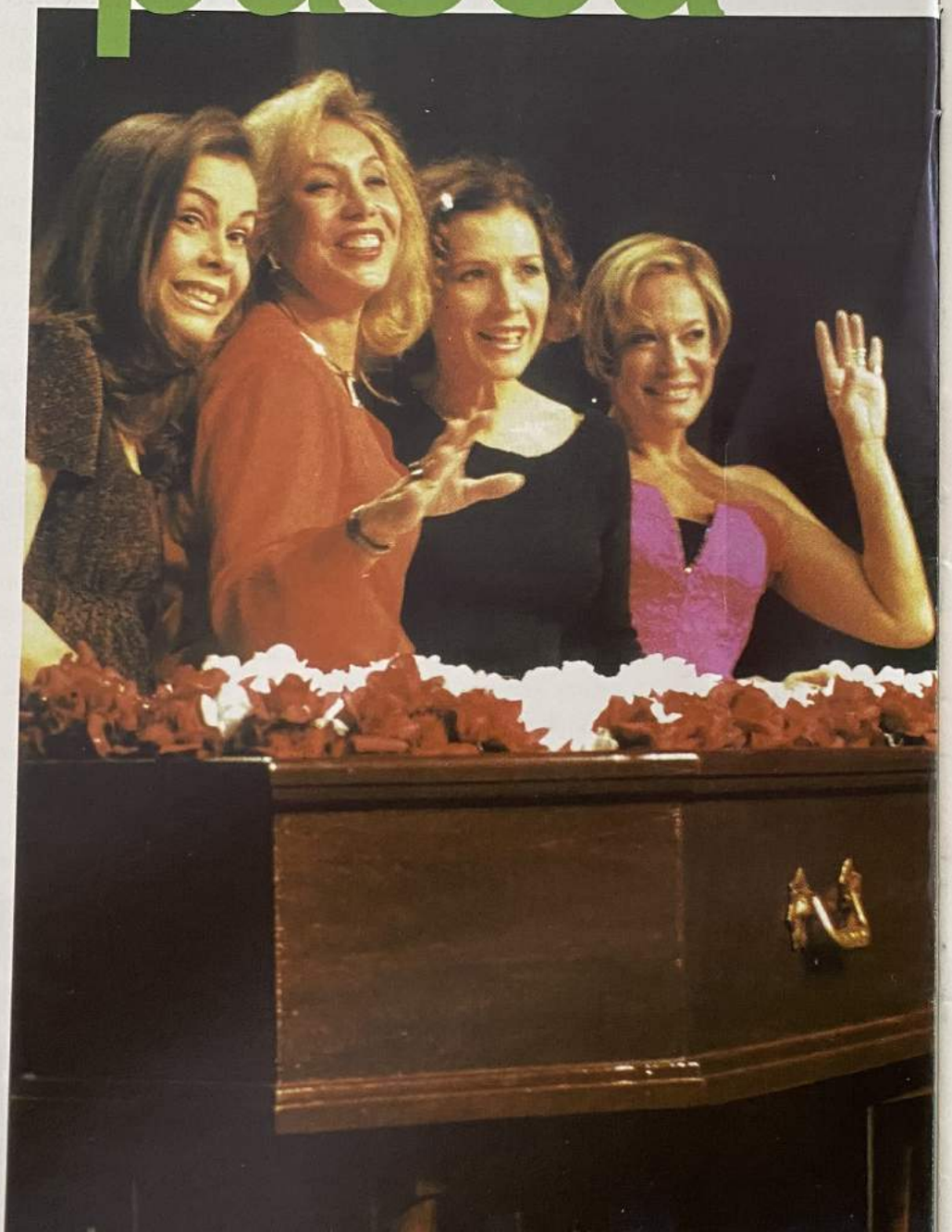
Desde que trabalharam juntas no espetáculo *Cinco Vezes Comédia,* há quatro anos, Débora Bloch e Fernanda Torres mantinham o desejo de repetir a dose. Mas foi o texto da escritora Patrícia Mello que finalmente conseguiu reunir as duas atrizes e amigas novamente no palco, para contracenarem juntas em *Duas Mulheres e um Cadáver*, em cartaz no Teatro das Artes. "Encontrei a Patrícia no avião e ela me falou sobre esse texto. Imediatamente comentei com a Debby, que adorou a idéia", comenta Fernanda, entusiasmada com a montagem. A direção é de Aderbal Freire Filho.

De acordo com as atrizes, *Duas Mulheres e um Cadáver* trata da relação de duas inimigas em potencial que possuem vidas completamente opostas, mas que apesar de todas as evidências são bastante parecidas. "Elas têm históricos diferentes, mas no fundo são iguais, como se usassem a mesma bolsa", diz Débora. "As duas são mulheres sós, que projetam a vida no mesmo homem, esteja ele vivo ou morto", acrescenta Fernanda. A primeira é Beatriz (Débora Bloch), casada com o psicanalista João (o ator Ricardo Pavão), que aparece morto no consultório. A segunda é Ana (Fernanda Torres), amante de João. As duas encontram-se diante do cadáver e começam a trocar acusações. Ao mesmo tempo, a situação provoca uma série de confidências e confissões sobre suas próprias vidas. O texto pode ser visto como o triunfo ou o fracasso da psicanálise. "O sucesso vem do fato de as duas mulheres começarem a revelar-se por causa dele, o psicanalista. O fracasso é o fato de fazerem isso quando ele está morto, ou seja, não precisaram dele para realizar as próprias descobertas", diz o diretor.

A traição e a morte não são mesmo os fatores predominantes do espetáculo. "O que realmente importa é a relação entre essas duas mulhers e o caos afetivo que existe na vida de cada uma. Elas conseguem ser amigas e inimigas ao mesmo tempo, numa tragicomédia que possui de tudo um pouco, do suspense ao deboche", conta Débora. Tanto Fernanda quanto Débora fazem questão de deixar claro que a peça não é destinada com exclusividade a uma platéia de mulheres. "Os diálogos sobre o universo feminino são afiados e inteligentes, a narrativa é ágil, é um espetáculo para ambos os sexos", diz Débora. "Além disso, a mulher sempre arrasta o marido para vir juntos ao teatro", brinca.

Durante 1h30 os três atores não saem do palco e as mudanças de tempo e espaço — do presente ao passado e vice-versa — acontecem usando-se recursos cênicos. A direção de arte é de Daniella Tomaz. Os figurinos são assinados por Marcelo Pies.

A vida passa



Dez anos depois, Miguel Falabella retoma *A Partilha* com as mesmas atrizes: Arlete Salles, Natália do Vale, Suzana Vieira e Thereza Piffer.

Por Maria Lúcia Rangel

Quatro mulheres comuns, irmãs cariocas de classe média discutindo uma partilha, levaram Miguel Falabella definitivamente ao estrelato dez anos atrás. Em 1990, *A Partilha* começou a tomar forma quando o autor foi ao apartamento da avó do artista plástico Jonas Prochownik, à venda com a morte de sua dona. Ao entrar, deparou-se com a mãe e a tia de Jonas discutindo a partilha do imóvel. Pronto... estava plantada a semente da peça, seis anos em cartaz, montada em 12 países e prestes a virar filme. Dez anos depois, Falabella estréia a continuação da história, *A Vida Passa*, no Teatro Vanucci. Para encená-la, convidou as quatro atrizes da primeira montagem: Arlete Salles, Natália do Vale, Suzana Vieira e Thereza Piffer.

A história original começava com um velório. A atual também tem início no mesmo cenário: a capela do cemitério onde as quatro irmãs velam o corpo de Rubinho, marido de uma delas, Maria Lúcia (Arlete Salles). Já então separada, morando no Rio e não mais em Paris, ela se diverte saindo com homens que conhece pela Internet. Já Regina (Suzana Vieira), a mãe dos ex-roqueiros cheios de problemas, hoje assiste ao lançamento do CD *No Caminho do Pastor*, da banda evangélica formada pelos filhos, da qual é a empresária. Quanto a Selma (Natália do Vale), continua levando a mesma vidinha na Tijuca, casada com Luís Fernando e passando os fins de semana na Barra, no apartamento que compraram. E a vida de Laura (Thereza Piffer) deu uma guinada. Está dando à luz um filho concebido através de inseminação artificial, mora em Berlim e namora uma ativista lésbica alemã.

Se o humor de *A Vida Passa* não deve nada ao de *A Partilha*, a nova peça ganha em reflexão e encenação menos naturalista. "O título do espetáculo", diz Miguel, "é justamente o que venho aprendendo nesses anos: de que tudo passa e isso também passará."

A história acontece em quatro situações diferentes. Começa com o velório, passa depois para uma sala reservada de uma igreja evangélica (onde acontece o lançamento do CD dos filhos de Regina), continua em um restaurante onde se comemora o aniversário de Selma e, finalmente, leva as quatro irmãs à maternidade para visitar Laura.

"Minha personagem deixou lindas lembranças", lembra Arlete Salles. "E poder retomar bons momentos do passado é uma coisa rara. Passados dez anos, Maria Lúcia está mais sofrida, mais rica, mais amadurecida e preocupada com a velhice."

Suzana Vieira, com seu jeito extrovertido e alegre, sente saudades da farra da época. Está até com a idéia de lançar um livro com fotos e anotações curiosas feitas durante o período de encenação de *A Partilha*.

"Divido minha vida em antes e depois do Miguel", conta Suzana. "*A Partilha* nos ensinou a conviver em grupo. Parecíamos quatro adolescentes em férias."

Para Natália do Vale, a estréia dez anos atrás também foi um marco. O prestígio e a maturidade adquiridos com a peça a enriqueceram como atriz, diz ela. A mais jovem de todas, Thereza Piffer – na estréia de *A Partilha* tinha somente 22 anos – brinca que só agora sua personagem *saiu do armário*: "Laurinha era muito conturbada, não ria".

E por quê retomar *A Partilha* agora? Saudades das personagens, confessa Miguel. "Escrevendo sobre estas quatro mulheres eu me sinto como os homens da pré-história fazendo seus desenhos nas cavernas. Elas não fizeram nada de tão especial, mas se algum arqueólogo descobrir estas duas peças no futuro, vai entender um pouco mais sobre as mulheres do século XX." Vale conferir...

Colecione, assine!

Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações

Tel.: (21) 511-5344

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

A cartilha completa de Cláudia Jimenez

Na comédia romântica Pequeno Dicionário Amoroso, atriz mostra como fazer rir e emocionar o público.

Por Dalila Magarian

Tudo bem que o texto de *Pequeno Dicionário Amoroso* não seja inédito para o público, que já conhece a obra de Sandra Werneck feita para o cinema. Mas, no palco, essa comédia romântica ganha o talento especial de Cláudia Jimenez e Ernani Moraes, que imediatamente conquistam a simpatia da platéia.

O enredo tem como protagonistas Luiza e Gabriel, dois típicos moradores de uma metrópole brasileira em busca de um grande amor. Baseado no roteiro original de Paulo Halm e José Roberto Torero, o espetáculo acompanha de forma poética e bem-humorada o itinerário sentimental dos personagens nessa aventura. Há desde os deslumbramentos próprios da paixão até as agruras e dissabores dos relacionamentos no final do século 20. "Quando fiz o filme quis apresentar ao público um casal comum, longe de estereótipos. Agora o Jorginho Fernando conseguiu radicalizar isso, o que achei ótimo", elogia Sandra Werneck.

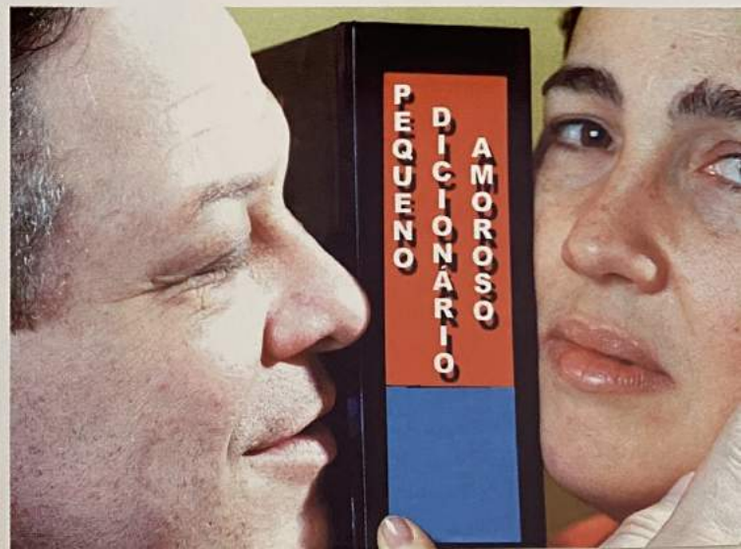
Não foi mesmo por acaso que o diretor Jorge Fernando escolheu os nomes de Cláudia Jimenez e Ernani Moraes para esta nova versão. Os dois atores trabalharam juntos na novela *Torre de Babel*, criando uma grande empatia com o público por suas cenas sempre divertidas. Mas o diretor acrescenta que seu maior desafio foi manter a leveza do texto. "Por isso não optei pela comédia, mas pelo sentimento. Passei a léguas de distância do humor fácil. O que eu quero é o sorriso da platéia, que irá se identificar com cada uma das situações", afirma Jorginho.

De volta à ativa

Para Cláudia Jimenez, retornar aos palcos com esse projeto, depois de um afastamento forçado para tratamento de saúde (a atriz sofreu um infarto no ano passado e recebeu cinco pontes), representou também uma surpresa. "Pensei que fosse ficar com um papel coadjuvante, porque para mim os protagonistas deveriam ser bonitos, mas logo percebi que havia uma química impressionante entre o Ernani e eu, e que estávamos contando a história de um casal comum, que poderia ser qualquer pessoa na platéia", afirma a atriz, que havia feito anteriormente os monólogos *Como Encher um Biquíni Selvagem* e *Julieta de Freud*.

Através desse novo personagem, Cláudia diz estar entrando em contato com novos sentimentos. "Pela primeira vez pude experimentar a sensação de ser amada por um homem. Depois do susto que levei seis meses atrás, quando tive o infarto, é como se estivesse fazendo um grande laboratório da minha vida pessoal. Sinto como se estivesse me reconciliando com os homens e podendo exercitar toda a minha fragilidade. E o verbo que mais tenho conjugado é dividir."

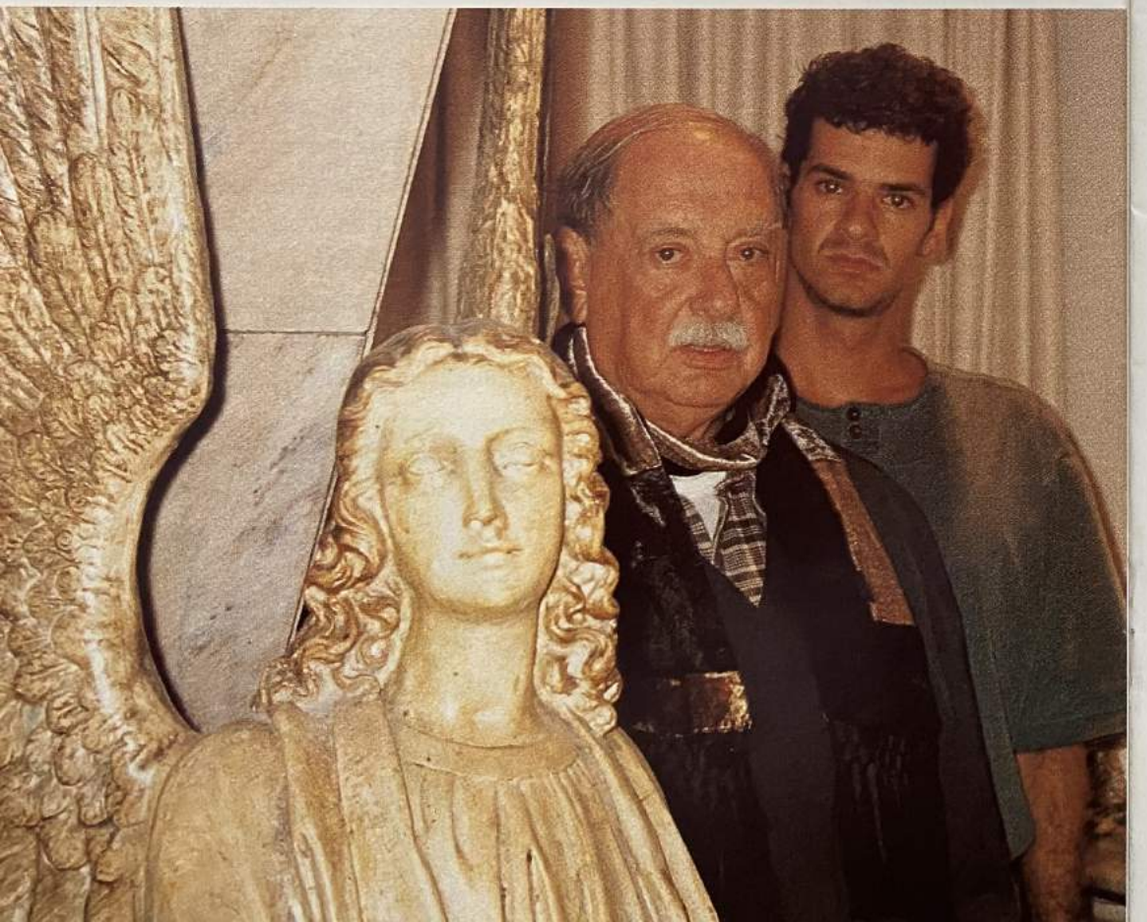
Completam o elenco os atores Clarle Myara e Clarisse Derzié, do Grupo Tapa. A ausência de cenários paradisíacos, como os mostrados na versão cinematográfica, foi compensada no teatro com uma bela trilha sonora. Inspirado nos espetáculos de Fauzi Arap, o diretor utilizou músicas interpretadas por Ana Carolina, Zélia Duncan, Eliz Regina e Leila Pinheiro para costurar as cenas.



Eu, um ator

As frustrações, a paixão e a solidão de um ator que passou sete anos em um manicômio.

Por Maria Lúcia Rangel



Em 50 anos de vida artística, Fábio Sabag jogou em todas as posições: atuou, produziu e dirigiu. Também fez incursões em shows como diretor, produtor e ator. Participou de 48 filmes e é um dos atores e diretores mais atuantes da TV Globo, com inúmeras novelas, minisséries e casos especiais em seu currículo. Mas escolheu o teatro para as comemorações deste jubileu. Como um velho ator que retorna ao palco depois de sete anos, ele está no Porão da Casa de Cultura Laura Alvim encenando *Eu, Um Ator*, texto do dramatugo alemão Tankred Dorst.

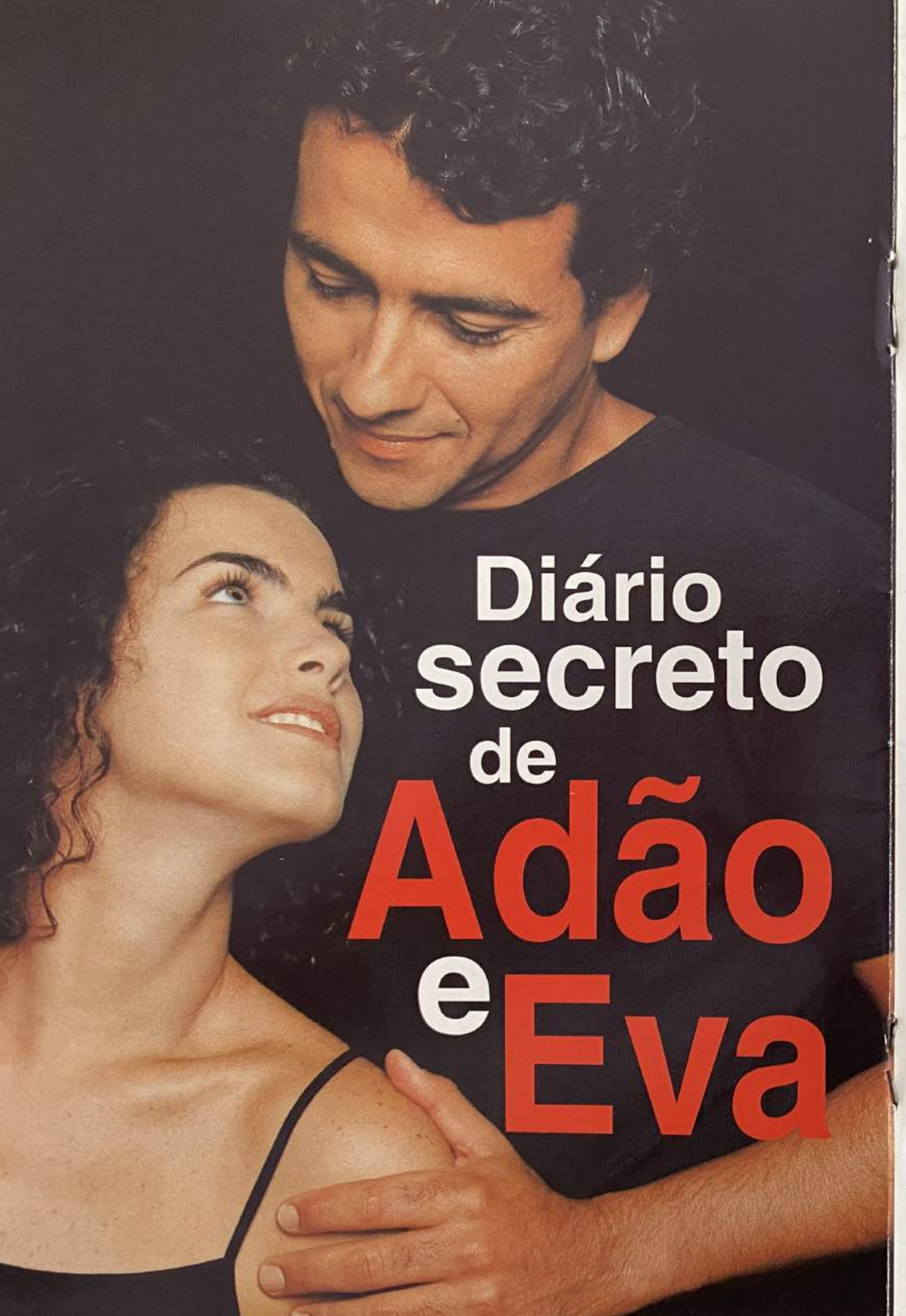
A explicação é simples. Fábio Sabag admite que é no teatro que ele se completa: "Não tem a frieza da ausência do público. A televisão é híbrida, porque não conta com a reverberação da platéia. E no cinema a gente atua em pequenas tomadas. O teatro, não. Abre e fecha a interpretação. É a arte mais completa para o ator. A TV é melhor para o realizador".

Sabag foi apresentado à peça pelo diretor Caco Coelho, também o tradutor. E se encantou com a peça que fala da solidão e da paixão do ator. "É um texto extremamente poético e, ao mesmo tempo, um desabafo", diz ele. "Fez passar pela minha cabeça a vida de vários atores. E também o que vivi, amei. Tem a humilhação a que são submetidas as pessoas que são obrigadas a fazer testes, o condicionamento político. *Eu, um Ator* fala das ambições, fracassos e loucura que todos temos dentro de nós".

A peça é sobre um velho ator, há sete anos sem trabalhar, que volta ao teatro disposto a realizar um teste para um personagem que seu antigo diretor, por carta, havia lhe mencionado. Já no teatro, Feuerbach, o ator, só encontra o assistente de direção, muito mais jovem e envolvido com teatro há somente cinco anos. O papel é interpretado por Duda Villa Verde.

"O personagem, na realidade, ficou sete num asilo, e só no desenrolar da história ficamos sabendo que ele esteve louco. O espetáculo é especialmente o embate dele com o jovem assistente de direção, representante do diretor que não aparece nunca. Fica a pergunta: será o assistente real ou um enfermeiro do asilo? O texto é belíssimo. Tankred Dorst é um dos maiores autores da dramaturgia moderna. E fala do ser humano. É a história de um intérprete. Com citações contemporâneas, como Brecht e Goethe", conta Sabag.

Tankred Dorst é, na Alemanha, um dos autores mais encenados. Tradutor, roteirista de cinema e autor de libretos de ópera, recebeu o prêmio máximo literário alemão Georg Büchner pelo conjunto de sua obra.



Diário secreto de Adão e Eva

FOTO: ROGÉRIO FAISSAL/DIVULGAÇÃO

Ana Paula Arósio e Marcos Palmeira interpretam Mark Twain, sob a direção de Antônio Abujamra.

Por Maria Lúcia Rangel

Antônio Abujamraa se cercou de uma superequipe para comemorar 50 anos de carreira. Para começar, escolheu o texto de um autor consagrado, Mark Twain, o autor de *Diário Secreto de Adão e Eva* (estréia de agosto da Sala Marília Pêra do Teatro Leblon). Para os papéis-título, o diretor – e também tradutor e adaptador da peça – escolheu dois atores globais que são garantia de público, mas que também já mostraram que possuem talento: Marcos Palmeira e Ana Paula Arósio. O espetáculo tem ainda cenários de Gringo Cardia, figurino de Kalma Murtinho, iluminação de Maneco Quinderé e trilha sonora de André Abujamra.

O estilo ferino do autor foi mantido e explorado pelo diretor, que selecionou vários fragmentos de histórias sobre Adão e Eva e adicionou um conteúdo mais moderno, ressaltando a beleza do início do mundo e caminhando em direção a acontecimentos atuais. "Chegamos até o casamento em nossos dias, através de cenas bastante elegantes, outras cômicas, outras mais comedidas", explica.

Abujamra faz questão de que os personagens tenham características precisas. A Eva de Ana Paula Arósio é uma mulher assustada, que facilmente pode chegar à loucura, mas com um extraordinário dom de observação e senso de realidade. É o segundo trabalho de Ana Paula sob a direção de Abujamra, que já trabalhou com ele em *Phedra.*

"Ana Paula é uma atriz iluminada", diz o diretor. "É a Eva diante da qual todos queríamos estar na pele de Adão." Já Adão, protagonizado por Marcos Palmeira, vai adquirindo uma importância histórica no desenrolar da história. "Marcos Palmeira é, sem dúvida, o melhor ator jovem brasileiro", afirma Abujamra.

Na peça, a inteligência, a graça e a grandeza não estão apenas presentes, mas trabalham o tempo todo juntas, criando um efeito que permite a transcendência dos gestos e das expressões. Uma bela maneira de comemorar 50 anos de teatro.

A loucura, duas peças e um só teatro

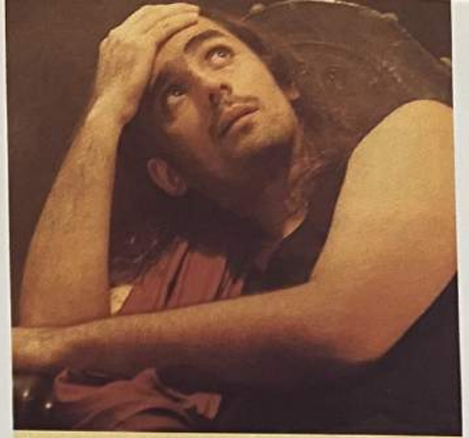
As histórias de Antonin Artaud e Camille Claudel estão em rodada dupla no palco do Museu da República.

Por Dalila Magarian

A loucura é o tema principal do atual ciclo de teatro francês do Museu da República. Sendo assim, o diretor John Vaz, que acumula as funções de ator, coordenador artístico do museu e conselheiro do Ministério da Cultura, decidiu contar em sessão corrida as histórias de dois personagens que, entre outras curiosidades, ficaram internados no mesmo hospital psiquiátrico de Ville-Evrad, na França. As peças *Camille Claudel* e *Antonin Artaud* permanecem em cartaz em rodada dupla de sexta a domingo, com dez minutos de intervalo entre ambas e uma vantagem extra: o desconto de 50% no ingresso para quem assistir aos dois espetáculos, mesmo que em dias diferentes.

Na pele da escultora francesa Camille Claudel está a atriz Rossana Lourenço, que assina a adaptação do texto. O espetáculo é dividido em duas partes. Na primeira etapa, Camille encontra-se em seu ateliê, em Paris. Na segunda, ela já está no quarto do hospital psiquiátrico de Montedverges, para onde foi transferida durante a Segunda Guerra Mundial vivendo até a sua morte, em 1943. Todo o drama é baseado na pesquisa bibliográfica sobre a artista e sua obra, abrangendo a correspondência, catálogos de exposições, críticas e artigos de poetas como Paul Claudel (irmão de Camille) e Arthur Rimbaud.

O relacionamento da artista com o escultor Auguste Rodin tem papel fundamental no espetáculo. O grande duelo de Camille, na primeira parte da peça, trata justamente de seu relacionamento amoroso com Rodin. Na segunda parte, a personagem faz um discurso crítico sobre as supostas apropriações que Rodin fez de sua obra. A peça retrata ainda a rivalidade feroz entre Camille e sua mãe, que costumava comparar a profissão de escultora com a de prostituta. Camille chega a atribuir o seu estado emocional e a conseqüente internação a duas pessoas: Rodin, o "demônio", e a própria mãe.



Artaud, o criador do Teatro da Crueldade

O escritor Antonin Artaud nasceu em Marselha, em 1896. Por ter sofrido meningite aos 12 anos, ficou dependente de láudano. Sob o ponto de vista clínico, o artista era considerado esquizofrênico e passou seus últimos doze anos de vida internado em manicômios. No hospital, Artaud escreveu diversos livros, poesias e concepções teatrais. Ele é o autor de *Teatro e seu Duplo* e foi o criador do Teatro da Crueldade. Para Artaud, o teatro que criou é acima de tudo lucidez e utilização de todas as formas de poesia concreta, sem forma e sem texto, na tentativa de encontrar a eficácia além da palavra. "Artaud pertenceu à dinastia espiritual que alguns chamam de loucura, muitas vezes para desqualificar a sua obra. Ele foi o único em sua originalidade anárquica capaz de encontrar a individualidade da criação entre aqueles que sofrem da solidão essencial", explica John Vaz. Artaud morreu em 1924, de câncer, aos 52 anos. A tradução e o texto são de Lula Dias. A direção e a encenação, do próprio John Vaz.

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

A Vida Passa

Miguel Falabella continua a história de **A Partilha** dez anos depois. Direção do próprio autor que manteve o elenco original: Suzana Vieira, Arlete Salles, Natália do Valle e Thereza Piffer. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$25 (qui. sex. e dom.) e R$30 (sáb.)

Ai Ai Brasil - 0s Outros 500

A peça de Sérgio Britto e Clovis Levy retrata com humor o Brasil pitoresco e cheio de malícia nas relações entre índios, brancos e negros. Direção de Sérgio Britto. No elenco, Sérgio Britto, Suely Franco e Nildo Parente. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 232-8701. Quintas, sextas e domingos, 19h. Sábados, 21h. R$ 10 (qui., sex. e Dom.) e R$ 15 (sáb). Na primeira semana (a partir de 3 de agosto) preço popular: R$ 5.

Alice Através do Espelho

A partir da obra de Lewis Carrol, o espectador é convidado a acompanhar Alice num mundo repleto de nonsense. Texto de Maurício Arruda Mendonça. Direção de Paulo de Moraes. No elenco, Flávia Fafiães, Patrícia Selonk, simone Mazzer e outros. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, Lapa). Telefone para reservas (máximo de 50 pessoas por sessão): 554-5281. Sábado (18h e 20h) e domingos (18h e 20h). R$ 15. Até final de agosto.

Antonin Artaud

Monólogo retratando a história do escritor que passou 12 anos preso num manicômio. Artaud é o criador do Teatro da Crueldade. Encenação: John vaz. Texto: Antonin Artaud. Tradução e adaptação: Lula Dias. No elenco, John Vaz. Supervisão Geral de Stênio Garcia.**Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sábados e domingos às 20h. R$ 10. Estacionamento próprio. Até final de outubro.

As Malandragens de Scapino

Escrita por Molière e com tradução de Carlos Drummond de Andrade, a peça conta as confusões do criado Scapino. Direção de João Bethencourt. No elenco, atores de Limite 151 Cia. Artística. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15 (qui. e sex.), R$ 20 (sáb. e dom.).

Brejeirices

Três histórias de Arthur Azevedo sobre o amor. Direção de Daniel Marques. Com Valéria Seabra e Renato Peres. **Espaço 2 Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel 446, Copacabana). Fone: 275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 e meia entrada para estudantes e maiores de 65 anos.

Camille Claudel

A história da escultora francesa Camille Claudel. A direção é de John Vaz. Adaptação e interpretação: Rossana Lourenço.**Teatro do Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 10. Ingressos com 50% de desconto para quem assistir o espetáculo seguinte, *Antonin Artaud*.

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

Musical sobre a vida do grande compositor norte-americano. Texto e direção de Charles Moeller. Com Ada Chaseliov, Alessandra Verney e Ignez Vianna. **Café Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos 143, Copacabana). Fone: 235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui., sex. dom.) R$25 (sábado).

Comunhão de Bens

Texto de Alcione Araújo sobre um casal em crise que, separado, decide continuar morando junto para não baixar o padrão de vida. Direção de Marcelo Andrade. Com Nívea Stelmann, Mariane Vicentini e Luka Ribeiro. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Desejo de Salomé

A peça mais encenada de Oscar Wilde marca a estréia da Companhia Pop de Teatro Clássico, dirigida por Demétrio Nicolau. A história se passa durante a festa de aniversário do rei Herodes, onde tudo gira em torno de Salomé. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Terças e quartas, 21h. R$15.

Diário Secreto de Adão e Eva

Texto de Mark Twain traduzido, adaptado e dirigido por Antonio Abujamra, com fragmentos de histórias sobre Adão e Eva. Com Ana Paula Arósio e Marcos Palmeira. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Duas Mulheres e um Cadáver

Peça policial da escritora Patrícia Melo em torno do assassinato de um psicanalista. Direção de Aderbal Freire. No elenco, Débora Bloch, Fernanda Torres e Ricardo Pavão. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. Quinta, 21h. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.)

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Eu, um Ator

Sucesso internacional do dramaturgo alemão Tankred Dorst, contando a volta de um velho ator ao teatro depois de sete anos. Direção de Caco Coelho, com Fábio Sabag e Duda Villa Verde. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto 176, Ipanema). Fone: 267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$ 20. Desconto para idosos, estudantes e classe artística.

In Vino Veritas

A Verdade está no Vinho conta a história de um homem que descobre a a traição da mulher com seu melhor amigo e sócio. A partir disso planeja sua vingança. Espaço Yan Michalski – **Casa das Artes de Laranjeiras** (Rua Rumânia, 44 – Laranjeiras). Tel. 556- 3063. Sábados e domingos, 20h. R$ 10. Até final de agosto.

Intretom – Fragmentos da Linguagem

O título é um termo criado pelo autor Janssen Hugo Lage, que designa a possibilidade de fusão entre o transcendental e o mundo humano. Com Gisela Teixeira, Rafael Russo e Renata Mizrahi. **Espaço Cultural Copérnico** (Av. Padre Leonel França 240, Gávea). Sábado e domingo, 21h. R$10 mais R$5 de consumação mínima. 50% de desconto para idosos, estudantes e classe artística.

Joana Dark – A Re-Volta

Adaptação contemporânea da história de Joana d'Arc. Texto de Carolyn Gage. Direção: José Possi Neto. Tradução e adaptação de Maria Adelaide Amaral e Rodrigo Amaral. Com Christiane Torloni, Augusto Vieira, Jorge de Lima, Renato Leão, Roberto Aguiar e Zamir de Castro. **Teatro Adolfo Bloch** (Rua do Russel, 804 – Glória). Fone: 555-4000. Quintas, sextas e sábados, 21h. Domingo, 20 horas. R$ 15 (qui., sex. e dom.) e R$ 20 (sáb.). Até 3 de setembro.

Lisbela e o Prisioneiro

A história de Leléu, um sedutor irresistível, que acaba preso por conta de suas proezas eróticas. Texto de Osman Lins e direção de Guel Arraes. Produção: Paula Lavigne. No elenco, Bruno Garcia, Marcos Oliveira, Emiliano Queirós, Lívia Falcão, Lúcio Mauro Filho, Virginia Cavendish e Tadeu Mello. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632). Fone: 555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e Domingo, R$ 10. Sexta e Sábado, R$ 15. Até 27 de agosto.

Mais Perto

Peça do inglês Patrick Marber, passada nos anos 90, em Londres, focalizando a vida de quatro estranhos que se encontram, se apaixonam e se envolvem. Direção de Hector Babenco. Com Renata Sorrah, José Mayer, Guta Stresser e Marco Ricca. **Espaço 1 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel 440, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).Estréia 25/8.

Michelangelo

A peça se passa em 1500, quando a Igreja toma conhecimento da descoberta do Brasil e manda que Michelangelo pinte a capela Sistina com a visão do paraíso. Direção de Antonio Abujamra. Texto de Doc Comparato. No elenco, Edney Giovenazzi, Camila Amado, Leon Góes e atores do grupo Fodidos Privilegiados. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 221-1223. Quinta a domingo, 19h. Preço único: R$ 1,99. Até 27 de agosto.

O Amigo Oculto

Texto inédito de Augusto Boal. Comédia boulevard sobre a troca de presentes de uma família na festa de final de ano. Direção: Marília Pêra. Com Silvia Aderne, Fafy Siqueira, Esperança Motta, Cláudio Ghiesse, Françoise Forton, Mario Cardoso, Reinaldo Gonzaga, Débora Olivieri e Alexandre Barbalho. **Teatro Sesi** (Graça Aranha, 1 – centro). Fone: 563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. Preço único R$ 20. Até final de setembro.

O Avarento

Montagem do texto de Molière feita por Amir Haddad, com cenários de Lídia Kosovski e música de Tato Taborda. Com Tonico Pereira, Alessandra Negrini, André Gonçalves, Dira Paes, Leonardo Vieira, Emílio de Mello e outros. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66 – centro). Fone: 808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até final de agosto.

O Último Suspiro da Palmeira

Comédia do autor estreante Carlos Thiré, retratando o cotidiano agitado de três gerações. Cecil Thiré, pai do autor, dirige e atua, ao lado de Stela Freitas, Thiago Fragoso, Patrícia Gusmão, Garcia Junior e Carlos Thiré. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qua., qui. e sex.). R$20 (sáb. e dom.).

Os Monólogos da Vagina

O universo feminino na peça de Eve Ensler, com direção de Miguel Falabella. Com Cláudia Rodrigues, Zezé Polessa e Vera Setta. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Basta
Eu quero paz

Pequeno Dicionário Amoroso

Chega ao teatro um dos maiores êxitos do cinema nacional, o itinerário sentimental dos personagens, em verbetes que vão de A a Z. Direção e concepção de Jorge Fernando. No elenco, Cláudia Jimenez e Ernâni Moraes. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.), R$30 (sáb.).

Separações

Comédia dramática de Domingos Oliveira sobre uma separação e das separações que causa ao redor. Direção de Domingos Oliveira, que também está no elenco. Com Priscilla Rozembaum, Fábio Junqueira e Maria Ribeiro. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel França, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (sex. e dom.), R$20 (sáb.).

Tango, Bolero e Cha-Cha-Cha

Mulher e filho são abandonados pelo marido sem que saibam o motivo. Ele retorna dez anos depois, como transexual. Texto de Eloy Araújo com direção de Bibi Ferreira. Com Edwin Luisi, Maria Helena Dias e Miguel Thiré. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187 – Centro). Fone: 280-1382. Quinta e sexta-feira, 19h. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$ 20. Até dezembro.

WIT - Jornada de um Poema

Glória Menezes comemora 40 anos de carreira com o primeiro texto da americana Margaret Edson, sobre a luta de uma mulher com câncer. É a primeira direção de Diogo Villela. No elenco, além de Glória, Adriano Reis e Edgar Amorim. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui. e sex.), R$25 (dom.) e R$ 30 (sáb.)

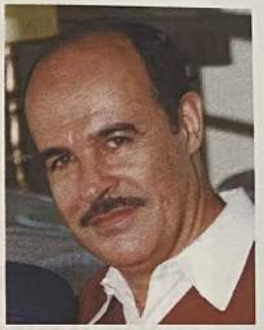
Zorro

Um dos maiores clássicos de capa-e-espada em versão interativa e itinerante, onde o público e os atores percorrem os espaços do jardim para acompanhar a história de Diego de La Vega. Texto e direção de Renato Rocha e Veronica de Oliveira. Com Renato Rocha, Luiz Lobo, Renato Wanderley, Roberta Brasil e outros. **Jardins do Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sábados e domingos, 19h30. R$ 10,00. Lotação: 100 pessoas. Até final de setembro.

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.

Mais Perto



"Assisti ao espetáculo *Mais Perto* em São Paulo, no teatro Cultura Artística, e agora o mesmo elenco vem para o Rio de Janeiro. É um texto muito interessante, uma discussão existencial de quatro pessoas que falam de suas inseguranças e dificuldades. Vale a pena conferir."

Osmar Prado, ator

Wit – Jornada de um Poema

"Indico a peça porque o texto tem um poder de comunicação com o público muito raro no panorama do teatro carioca, graças à compreensão magistral que o Diogo Vilela teve da obra de Margaret Edson, em sua estréia como diretor. E, principalmente, pela coragem com que a Glória Menezes se entrega à sua personagem terminal. É impossível sair do teatro indiferente."

Carlos Thiré, autor e ator

Pequeno Dicionário Amoroso

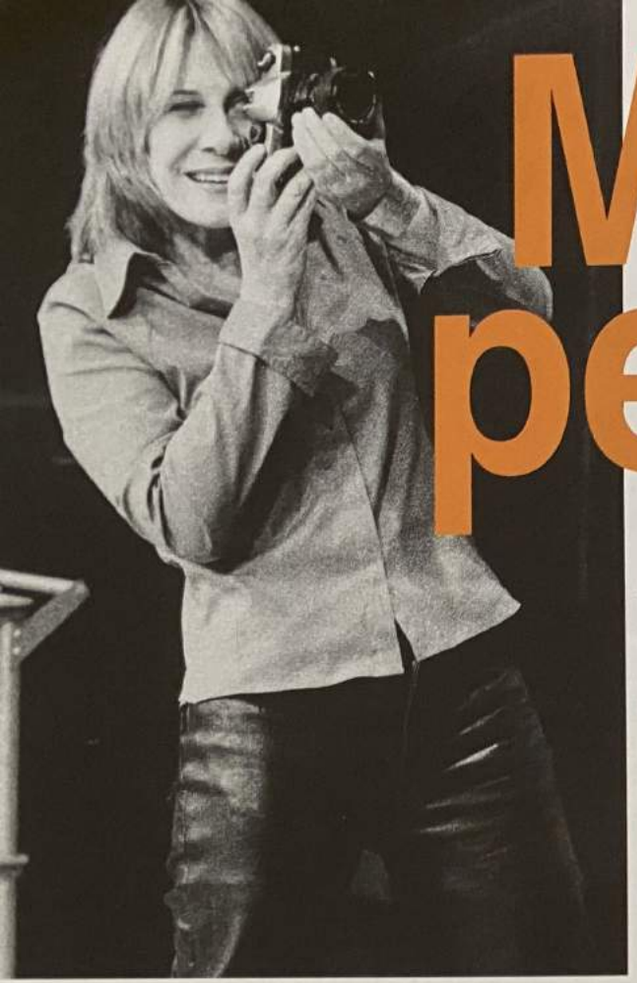
"A peça é maravilhosa. Recomendo por causa do texto, da direção e da atuação. Este é o caso em que tudo combina de uma forma hamorniosa. Um espetáculo delicioso de se ver."

Antonio Calloni, ator

Lisbela e o Prisioneiro

"Assisti e adorei a peça *Lisbela e o Prisioneiro*. O trabalho dos atores está ótimo e a direção é do Guel Arraes, um profissional extremamente competente. Ninguém deve perder. Está em cartaz no teatro Glória."

Gabriel Braga Nunes, ator



Mais perto

Alice quer Dan que quer Ana que quer Larry que conhece Alice... Uma história de desejo, paixão e encontros.

Por Maria Lúcia Rangel

Londres, 1998. Convidada pelo amigo Ary Coslov, Renata Sorrah foi assistir *Closer*, que diziam ser sucesso de público e crítica. Saiu do teatro impressionada com a crueza das relações, de como se desenvolvem as afetividades dos personagens. Comentou com Ary: "Eu sei exatamente do que eles estão falando". A reação seguinte foi um medo enorme de encenar *Closer* no Brasil, porque "a peça é muito forte". A paixão pelo texto acabou superando o medo. *Closer* estreou em São Paulo em março, com o título de *Mais Perto*, e chega ao Rio no final de agosto, no Espaço 1 do Teatro Villa-Lôbos.

Sucesso não só em Londres mas também na última temporada da Broadway, *Mais Perto* é a segunda peça do inglês Patrick Marber. Uma história quase banal, que leva quatro estranhos a se envolverem numa roda incessante de desejos, ciúmes, amor, reencontros e separações. Quatro representantes da classe média inglesa que se expõem no palco como poucas vezes se viu na dramaturgia moderna: a fotógrafa Anna (Renata) conhece o médico Larry (José Mayer) pela Internet, e o jornalista Dan (Marco Ricca) se interessa pela stripper Alice (Guta Stresser).

José Mayer, produtor do espetáculo junto com Renata Sorrah, vê a peça de Marber como uma obra de exceção, "com uma maestria rara que me causou e continua causando perturbação". Seu personagem, o médico Larry, aparentemente se contenta com a felicidade mediana, mas tem a ousadia de se quebrar para tentar alcançar a felicidade plena. Já a Alice de Guta Stresser é a stripper que escolhe ficar com o jornalista Dan, que acaba se interessando por Anna, que se casa com Larry, que conhece Alice, que é abandonada por Dan, que... Os vários "que" são contados em 12 quadros, nos quais as vidas dos dois homens e das duas mulheres sofrem movimentos intensos na direção de seu ponto de partida: a solidão.

"Em *Mais Perto*", diz Renata, "temos de dar nossa carne, nossa sensualidade, nossa vivência. Não há análises ou textos apresentando os personagens. O que dá sentido à peça são as discussões agudas entre eles".

José Mayer completa o pensamento de Renata: "É como se Marber estivesse fazendo um raio X do homem contemporâneo médio. Larry é um dermatologista que precisa desesperadamente se relacionar com alguém, mas está armado, encouraçado. Ele quer ser querido, mas tem medo". Para Marco Ricca, "Marber fala da impossibilidade de comunicação do homem moderno". E Guta completa: "É uma história que se revela no que não é dito".

Para dirigir o quarteto foi convidado Hector Babenco, o premiado diretor de cinema (*O Beijo da Mulher Aranha*, *Pixote* e *Ironweed*). Relutante em aceitar o convite de Renata por estar dirigindo a adaptação cinematográfica de *Estação Carandiru*, Babenco se encantou com a estrutura da peça, alinhavada por cenas curtas e ambientadas nos mais variados lugares, muito semelhante à estrutura do cinema: "Vejo o espetáculo como uma sequência de polaroids. É como se estivesse realizando uma série de curtas, que são os quadros da peça. Estou dirigindo movido pela minha sensibilidade de diretor de ator em cinema".

Arrematando a produção, *Mais Perto* tem cenários de Gringo Cardia e iluminação de Maneco Quinderé. A tradução do texto é de José Almino.

FOTOS: LENISE PINHEIRO/DIVULGAÇÃO

FOTO: PATRÍCIA SALGUEIRO/DIVULGAÇÃO

Desejo de Salomé

A recém-criada Companhia Pop de Teatro Clássico faz uma homenagem aos 100 anos da morte de Oscar Wilde.

Por Maria Lúcia Rangel

A polêmica obra de Oscar Wilde *Desejo de Salomé* chega aos palcos cariocas para homenagear o autor pelos 100 anos de sua morte. A estréia, no Teatro Rubens Corrêa, marca também a criação da Companhia Pop de Teatro Clássico, sob o comando do diretor Demétrio Nicolau, formada por jovens atores e atrizes, em sua maioria selecionados entre os recém-formados em duas escolas cariocas de teatro: a CAL – Casa das Artes de Laranjeiras – e a UNIRIO.

Desejo de Salomé trata da essência do desejo humano, enfatizando uma linguagem extremamente lírica, poética e carregada de paixão e sexo. A peça se passa durante a festa de aniversário do rei Herodes. De nada adianta a sensualidade das dançarinas exóticas e dos escravos nem a luxúria dos convidados. Tudo gira em torno de Salomé, todos desejam Salomé. Mas Salomé só deseja João Batista. E este a rejeita. A tragédia que se encontra na Bíblia foi transformada em texto teatral pelo gênio de Oscar Wilde.

No ano em que se completam 100 anos de morte do autor, Demétrio Nicolau teve a oportunidade e "o grande prazer" de ler a obra teatral de Wilde: apenas sete peças. Queria homenageá-lo e estrear bem com a Companhia Pop de Teatro Clássico.

A escolha recaiu sobre *Salomé*, provavelmente a obra mais conhecida do autor e a mais representada em todo o mundo. Só na Alemanha, por conta da ópera composta por Richard Strauss (com o texto como libreto) é a peça que possui o maior número de apresentações, superando inclusive as de Shakespeare.

Segundo Nicolau, a peça é riquíssima em leituras e análise. "A beleza e a juventude de Salomé são os objetos do desejo. Outras juventudes e belezas também são desejadas. E poucas coisas são mais presentes em nossas vidas, hoje, do que o desejo. A propaganda, a mídia e o marketing criam cada vez mais em nós o desejo de consumo, de sucesso e de prazer".

A recém-criada companhia vai atuar em diversas frentes de trabalho, montando os textos clássicos e de grandes autores da dramaturgia nacional e estrangeira, adultos e infantis. Também quer realizar leituras, estudos e montagens que atendam às necessidades de escolas da rede pública e particular, formando uma futura platéia para os grandes textos e levando este trabalho às comunidades carentes, prisões e hospitais.

Centenário de um autor iluminado

Oscar Wilde é considerado o nome mais conhecido da literatura inglesa depois de Shakespeare. Figura apaixonante e controvertida até hoje, dândi, príncipe da moda, terror da aristocracia inglesa, morreu em Paris, no Hôtel d'Alsace, em 30 de novembro de 1900. Estava doente, pobre e esquecido. Apenas cinco anos antes, no início de 1895, encontrava-se no auge. No curto período de 40 dias viu estrear *Um Marido Ideal* e *A Importância de Ser Prudente*, ambas com sucesso imediato. Quinze dias depois recebeu um bilhete ofensivo do Marquês de Queensberry, enfurecido pela paixão de Wilde por seu filho Lord Alfred Douglas. Começava a derrocada. Incitado pelo próprio amante e contrariando o conselho de amigos, Wilde resolve apresentar queixa ao tribunal por injúria e calúnia contra o Marquês. Graças à influência exercida pela posição social privilegiada do nobre, ele é absolvido e, no mesmo dia, o escritor é detido para responder por crimes de natureza sexual, com base nas provas reveladas no julgamento pelo Marquês. Nos processos que se seguiram foi considerado culpado e condenado a dois anos de prisão com trabalhos forçados. *Salomé* estreou em Paris quando Wilde estava na prisão. Em 1898, um ano depois de ser libertado, ele escreve a André Gide falando da miséria em que vivia: "Já vês como a tragédia da minha vida se tornou ignóbil; o sofrimento é possível, talvez necessário; mas a pobreza, a miséria, isto é que é terrível. Conspurca a alma do homem..."

Cena Aberta

Nathália Timberg em *A Rainha Louca*, 1967.

O mundo da cultura se encontra na Bolsa do Rio.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

multi show

Apresenta:

Peça que o Multishow APÓIA

O Multishow saiu na frente. É o primeiro canal de televisão brasileira a fazer making ofs de peças teatrais. Uma Noite na Lua, A Rainha da Beleza de Leenane, Decadência, Coração Brasileiro são algumas das peças que o Multishow prestigiou e apoiou. Se ligue no programa "Multishow em Revista" e fique por dentro dos bastidores das peças que o Multishow apóia.

www.multishow.com.br

Para assistir ao Multishow, assine
Net 0800-992211 ou Sky (0xx11) 3664-6000.

multi show

CANAL GLOBOSAT